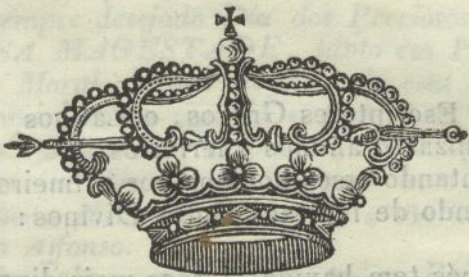


10105

B. N. L.
10105

O BOM DIA
PARA OS HOMENS DE BEM.

QUE ESTA C'ROA GOZEIS POR MUITOS ANNOS,
ROGÃO AO CEO OS POVOS LUSITANOS.



PARA EXISTIR NAS PAGINAS DA HISTORIA,
JUNTA A REGIOS HEROES, VOSSA MEMORIA.

AO MUITO ALTO
E MUITO PODEROSO SENHOR
D. MIGUEL I.
REI DE PORTUGAL, E DOS ALGARVES,
NO DIA 26 DE OUTUBRO DE 1828
DOS SEUS ESTIMAVEIS ANNOS,
OFFERECE A PRESENTE OBRA
JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

LISBOA : NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1828.

Com Licença.

QUE ESTA C'ROA CORRE POR MUITOS ANOS

SONETO.

SE os Escriptores Gregos, e Latinos
Eternizárão animos guerreiros,
Apontando esses homens por primeiros,
Fazendo de mortaes Entes Divinos:

Entre nós tem havido Heróes mais dinos,
Heróes, que a Fama tem por verdadeiros;
Das virtudes dos Pais fieis herdeiros,
Que as souberão seguir nos seus destinos.

Novo Heróe hoje aos Lusos se apresenta:
MIGUEL, valendo aos Entes desgraçados,
O grande Nome de Piedoso ostenta.

Que para os vicios ter agrilhoados,
Para em bonança pôr nossa tormenta,
Segue o trilho dos Seus Antepassados.

DOS SEUS ESTIMAVEIS ANOS

OPPERCE A PRESENTE ORNA

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA

ESTABELECIDO

LITOGRAFIA: NA IMPRESSÃO REGINA. ANNO 1888

Com Alameda

SENHOR.

ESTE SONETO

Este sempre desejado Dia dos Preciosos Annos de VOSSA MAGESTADE, tanto em Politica, como em Moral, he que vivifica toda esta Nação; ella se espiritualisa quando reconhece os Prodigios, que a Magestade Divina tem mostrado para se collocar no Throno de Portugal hum Rei, a quem cabe o Nome de Primeiro, como coube ao Primeiro Affonso.

Todos sabem que obedecer ao seu Rei he huma obrigação do bom Vassallo; mas conhecer, respeitar, e louvar as Brilhantes Qualidades de VOSSA MAGESTADE, além de hum dever, he hum incentivo, que desafia os corações dos Portuguezes para se exporem a vencer os maiores flagellos, só porque VOSSA MAGESTADE fique sempre salvo dos perigos, a Religião salva de impios, e a Patria isenta de traidores.

Vér a Nação o seu Rei, a quem pode nos prazeres felicitar, e rogar nas afflicções, he o maior bem, que a Alta Providencia nos podia conceder. Ella nos continue esta fortuna por muitos annos, preservando de inimigos a Real Pessoa de VOSSA MAGESTADE, a quem dedica estas humildes producções da sua Musa, beijando com o maior respeito a Benigna, e Real Mão de VOSSA MAGESTADE,

José Daniel Rodrigues da Costa.

SENHOR.

SONETO.

ESTE Dia, Senhor, tão portentoso
 Nos leaes corações está gravado;
 Dia nesta Nação tão celebrado,
 Que deixa o Reino alegre, e venturoso!

Vosso Character firme, e generoso,
 Com justiça, por todos he louvado,
 Pois tendes acudido ao nosso estado,
 Atégora afflictivo, e lastimoso.

Ser Heróe não consiste em ser Guerreiro,
 Consiste em ter prudencia, e humanidade,
 Que este he o Heroismo verdadeiro:

Isto se vê em VOSSA MAGESTADE;
 Por isso o Nome de MIGUEL PRIMEIRO
 Ha de sempre fulgir em toda a idade.

SONETO.

NASCER, viver, morrer he dado ao Ente,
A quem Deos deixa vêr a luz do dia,
Louvando o mesmo Deos, que tudo cria,
Disfructa os annos seus triste, ou contente;

Respeitado se faz de toda a gente,
Se por virtudes os seus passos guia;
Qualidade, que tem maior valia,
Porque he de Deos, e do homem dependente.

No nosso Amavel Rei o exemplo temos;
Hum Heróe tão pedido, e desejado,
Que jámais da memoria riscaremos.

Se Portugal se via transtornado,
Neste Joven descança, a quem devemos
Compaixão, vigilancia, amôr, cuidado.

SONETO.

LEVANTA a Impiedade a vil cabeça,
 Onde impera orgulhosa fantasia,
 Prezando mais a noite, do que o dia,
 Em que a ruina da Nação se têça.

Porque a raiva, que a nutre, se conheça,
 Religião, e Throno desafia;
 Empesta incautos Povos, e porfia
 Em que tudo per força lhe obedeça.

Hum Deos, que tudo vê, Deos verdadeiro,
 Para abater os Entes, que o insultão,
 Destina hum Joven de Justiça inteiro:

Descubrem-se os Rebeldes, que se occultão;
 Resôa o Nome de MIGUEL PRIMEIRO,
 Intimidão-se os mãos, os bons exultão.

NO PLAUSIVEL DIA
DOS ANNOS DE SUA MAGESTADE

O AUGUSTO SENHOR

D. MIGUEL PRIMEIRO

REI DE PORTUGAL, E ALGARVES.

Quão brilhante he este Dia
Para os fieis Lusitanos!
Vossos Preciosos Annos
São deste Reino a alegria.

Se Deos castiga peccados
Com flagellos repetidos,
Tambem somos attendidos
Com prazeres duplicados.

Quando esperou nossa idade
Conseguir da Providencia
Hum Rei de tanta clemencia,
Qual he VOSSA MAGESTADE?

Sois de Lysia Assombro, e Gloria,
Sois, Senhor, hum Heróe raro,
Deste Reino o grande amparo,
Que ha de ficar em memoria.

Os olhos d'onde corrêrão
Lagrimas, na Vossa ausencia,
Hoje mostram com frequencia
O prazer, que recêbêrão.

Que esta Nação opprimida
Vos queria em seu poder,
Como a flôr deseja vêr
O Sol, que lhe vem dar vida.

A' semelhança de hum Anjo,
Sois nosso Libertador,
Com Poder, Nome, e Valôr,
Que teve o Divino Arcanjo.

A Vossa Alma aos bens propensa,
Bens reparte, e bens pratica;
O Reino se vivifica
Com Vossa Real Presença.

Temos em Vós Pai, e Rei,
Religião sustentada,
E a Patria desaffrontada
De gente, que não tem Lei.

Que o proveito, que tirámos
Dos falsos reformadores,
Foi miseria, foi terrores,
Em que todos nós ficámos.

N'huma Guerra desabrida
Se vio a Patria assolada;
Tanta gente desgraçada!
Com perdas de tanta vida!

Toda a Nação em tristeza,
Oppressa da crueldade,
Vio gemer a humanidade,
Vio chorar a natureza!

Malicia, ambição, enganos,
Soberba, roubos, traições,
Eis o estrago das Nações,
Que fermenta ha tantos annos.

Vós, Senhor, sois vigilante,
Acudis a toda a parte;
Quem bem o tempo reparte,
Sempre os seus fins leva ávante.

Muito avança quem previne
Malévolas consequencias!
Porque a tempo as providencias
Fazem que o damno não mine.

Nem em todos confiar,
Nem desconfiar de tudo:
Custoso, e preciso estudo
A quem deseja acertar.

Cousas ha delineadas,
Que o veneno deixão vêr,
E que dão tempo a fazer
Côm que fiquem mal-logradas.

Quando Buonaparte achou
Monarchas em somnolencia,
Foi quando com prepotencia
Povos, e Reis enganou.

E pois que nos Vossos dias
 Já tendes lição bastante;
 Haveis de banir constante
 Modernas Philosophias.

O Deos, que rege os destinos,
 Premeia os bons corações,
 Salvou Daniel dos Leões,
 Na Fornalha os tres Meninos.

Vós, que sois a Deos entregue,
 Tambem Vos ha de salvar
 Da trama, que a laborar
 O Mundo tanto persegue!

Muito importa especular-se,
 Onde ha gentes tão málvadas;
 De faiscas desprezadas
 Podem chammas levantar-se.

Em condição baixa, ou alta,
 Tarda o bem, e o mal caminha;
 Bom he desfolhar a vinha,
 Quando o pulgão nella salta.

Fervem Hymnos sonorosos,
 Rogativas ao Eterno,
 Para que no negro Averno
 Se entranhem os revoltosos.

No Reino da escuridão,
 Onde apenas soprão Furias,
 Vomite pragas, e injurias
 Dos Cafres a multidão.

O Bom Deos, que presencieia
 O proceder dos Mortaes,
 E que prompto aos Immortaes
 As Virtudes lhes premeia:

Ha de zelar Vossos Annos,
 Por todos tão festejados,
 E pôr do Throno affastados,
 Traições, rebeldia, enganos.

Monarcha, que não descança
 De seu Reino vigiar,
 Faz-se do Povo adorar,
 Faz do Throno a segurança.

Vós que nunca descançais
 A bem do Vosso Reinado,
 Que tendes todo o cuidado
 Nos Povos, que Governais:

He porque, Senhor, sabeis
 Que a boa Arte de Reinar
 Consiste em mãos castigar,
 Fazendo cumprir as Leis.

Que as Virtuosas Accções
 Dos Reis, para os seus Vassallos,
 São quem pode eterniza-los
 Nas futuras Gerações.

Muitos Heróes tem havido
 No Throno de Portugal:
 Vós haveis de ser igual
 Aos que se tem conhecido.

Todos em pequeno ponto;
 Contão sempre esta Nação;
 Mas com as armas na mão
 Vence inimigos sem conto.

Hum Homem fragil dêo morte
 A façanhoso Gigante;
 Esta Nação, triunfante,
 He pequena, porém forte.

Sempre pelo Omnipotente
 Foi guardada, e defendida;
 Jámais se verá vencida
 Por mãos de inimiga gente.

Com ternura, e com respeito,
 Sustentais nossa Lei Sancta;
 Pela Vossa Fé ser tanta
 Fostes pelo Ceo eleito.

Maldito aquelle, que nega
 O Poder da Divindade,
 Sem prever que a impiedade
 O illude, abate, e céga.

Os Homens bons algum dia
 Tinho por verdade eterna
 Ser Deos quem tudo governa,
 Quem no Mundo tudo cria.

Mas hoje poem tud razão
 Os damnados corifêos;
 Trocão o Poder de Deos
 Em fermentações do *Acaso*.

Basta, Senhor, de mostrar
 Qual tem sido o nosso estado;
 Deixemos o mal passado,
 Pois ha bens que desfructar.

A' Memoria deste Dia,
 Vossas Moraes Qualidades
 Desterrão calamidades;
 Tudo respira alegria.

A próvida Natureza
 Em Vós seus Dons empregou;
 De Virtudes Vos dotou,
 E de affavel Gentileza!

Sois em discorrer agudo,
 Compendio de perfeições,
 Pomposo em Vossas Acções,
 Pomposo, Senhor, em tudo!

Se azedumes da indigencia
 Vem a vida attenuar,
 Vós os sabeis adoçar
 Com larga beneficencia!

Neste mez grande signal
 Lisboa chegou a ter,
 De que haviéis succeder
 No Throno de Portugal!

Porque a todos he constante
 O dia, que se marcou,
 Quando por Lisboa entrou
 O Grande Affonso triunfante.

Hasta, Bem, a vinte e cinco a entrada;
 Qual tem sido o nosso
 Neste Mundo appareceis,
 Para a Crôa Vos ser dada.

Cousas ha, que deixão vêr
 Os fins em tempos futuros,
 Que por Seculos obscuros
 Os vemos desenvolver.

Veio em Outubro o Bem-nossô,
 Que aos Astros levantarei;
 Vós nascestes para Rei,
 Eu para Vassallo Vosso.

O que este anno Vos apontar
 Não mais vereis outra vez;
 Que he dar neste Dia o mez
 Dos Vossos Annos a conta.

Vinte e seis Annos contaes
 Neste dia vinte e seis;
 A trinta, Vós o sabeis,
 Quarenta e seis conto mais.

A velhice, que me corta,
 Augmenta minha saudade!
 Viva VOSSA MAGESTADE,
 Que eu morra de nada importa.

E em quanto ao prazo não chego,
 Eu por Vós hei de rogar,
 Ao Ceo, que Vos queira dar
 Fôrças, auxilios, socêgo.

Vós trazeis os dias de ouro,
 Dias de ferro extinguindo:
 Vosso Nome irá fulgindo
 Pelo Seculo vindouro!

Agora porque se evitem
 No futuro discussões,
 Problemas, opiniões,
 Que dúvidas mil suscitem,

Falta que nos deis Penhôr,
 Por nós tão appetecido!
 Em serdes re-produzido
 Nos fructos do Vosso Amôr.

Porque esta firme Nação,
 Que tanto bem Vos deseja,
 Não descança, sem que veja
 Vossa Real Successão.

Que os fructos abençoados
 Pelo Todo Poderoso,
 Portugal farão ditoso,
 Qual foi nos tempos passados!

Os Portuguezes, Senhor,
 Em todo o tempo mostrarão
 Que aos seus Monarchas guardarão
 Respeito, lealdade, amôr.

Se hoje huns homens desleaes
 Infelizes se fizerão,
 Porque seguir não quizerão
 A educação de seus Pais,

Mais livre o Reino Vos ficã
 De gente, que não quer paz;
 Que á Nação nenhum bem faz
 Quem a Nação sacrifica.

C'rôa; Senhor, Vossa Idade
 O prazer do fel Povo,
 Em quanto o Systema novo
 Geme co' a sua impiedade.

Vós sereis de dia em dia
 D'odios, e intrigas isento;
 Que a Fama, por bôcas cento,
 Vosso Heroismo auxilia.

De entre nós fareis se mude
 Dos vicios caterva infame,
 E que só se preze, e ame
 A honra, a paz, a virtude.

Hum Vate, tocando a Lyra,
 Pode predizer futuros,
 Com os annuncios seguros,
 Que alegre a Musa lhe inspira.

A Celeste Gratidão,
 Sobre as azas da Verdade,
 Demostra a fidelidade,
 Que nutre o meu coração.

Mais nada de Vós répiro;
 Que Elogio verdadeiro
 He dizer: = MIGUEL PRIMEIRO =
 Nisto fica tudo dicto.